

Título: Anfitrião.

Autor: Plauto.

Este material foi adaptado pelo Laboratório de Acessibilidade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em conformidade com a Lei 9.610 de 19/02/1998, não podendo ser reproduzido, modificado e utilizado com fins comerciais.

Adaptado por: José Eduardo.

Adaptado em: Junho de 2023.

Padrão vigente a partir de março de 2022.

Referência: PLAUTO. **Anfitrião**. [s.l.]: [s.n.],[1968?]. p.1-26.

P.1

Plauto

**ANFITRIÃO**  
(AMPHITRVO)

Comédia

Tradução e Adaptação de **José Dejalma Dezotti**

**PERSONAGENS**

**MERCÚRIO** - deus (**Mercurius** - deus)

**SÓSIA** - escravo (**Sosia** - seruus)

**JÚPITER** - deus (**Iuppiter** - deus)

**ALCMENA** - esposa (**Alcumena** - uxor)

**ANFITRIÃO** - general(**Amphitruo** - dux)

**BRÔMIA** - criada (**Bromia** - ancilla)

**MERCÚRIO** - Se vocês querem que eu lhes garanta bons lucros em seus negócios, e que tanto nas compras como nas vendas, eu intervenha sempre para que tudo corra bem; e se querem também que eu seja sempre portador de boas notícias pra vocês e pra todos os seus e que anuncie especialmente aquelas que mais convêm ao interesse de todos, — afinal, como vocês sabem, eu fui designado pelos outros deuses pra presidir as notícias e o comércio — se querem, portanto, que eu favoreça todos vocês nessas coisas e me esforce para que o lucro de vocês seja sempre e sempre cada vez maior, então tratem de fazer silêncio durante apresentação desta peça.

Agora, vou dizer por ordem de quem eu venho e por que vim e, ao mesmo tempo, aproveito pra revelar o meu nome. Venho por ordem de Júpiter e meu nome é Mercúrio. Meu pai me mandou aqui pra fazer um pedido a vocês, embora ele saiba que um pedido dele é sempre uma ordem, pois ele não ignora que vocês o respeitam e o temem. Afinal de contas, ele é Júpiter. Mas, de qualquer modo, ele insistiu que eu lhes transmitisse o pedido com jeito e com palavras brandas, porque, cá entre nós, o Júpiter que me mandou aqui é filho de mãe humana e de pai humano e tem tanto medo de apanhar como qualquer um de vocês. E eu, que sou filho de Júpiter, por contágio de meu pai, também tenho. Por isso, venho em paz e a paz lhes trago.

Agora então vou dizer o que vim pedir a vocês. Depois eu digo o argumento desta tragédia. Ué, por que é que vocês fizeram essa cara? Só porque eu disse “tragédia”? Ora, eu sou um deus! Mudo tudo num piscar de olhos. Se vocês quiserem, eu faço esta peça passar de tragédia a comédia sem alterar uma única palavra. E então? Vocês querem ou não querem? Mas eu sou uma besta mesmo. Como se eu não soubesse o que vocês querem, eu, que sou um deus! Só que eu vou fazer um misto de tragédia e comédia, pois também não acho justo que seja só comédia uma peça onde aparecem reis e deuses. E como entra nela também um escravo, farei com que seja uma tragicomédia.

Mas vamos ao que Júpiter me mandou pedir-lhes. O que ele quer é simplesmente que vocês acolham com toda a benevolência do mundo esta comédia, porque afinal de contas ele, o próprio Júpiter, em pessoa, vai atuar nela. Por que o espanto? Como se fosse novidade Júpiter representar como ator cômico. Quantas vezes ele já teve que aparecer nas comédias pra solucionar os problemas? Júpiter vai sim atuar aqui diante de vocês. E eu também! E agora prestem atenção que eu vou dizer o argumento da comédia.

Esta cidade é Tebas. Naquela casa ali mora Anfitrião, o marido de Alcmena. Esse

Anfitrião está agora à frente das legiões, pois o povo tebano está em guerra com os Teléboas. Antes de partir, ele engravidou Alcmena, sua esposa.

Bem, eu acho que vocês já sabem como o meu pai é: quando se engraça com alguma mulher, ninguém segura. Por isso, ele aproveitou que o marido de Alcmena estava ausente e começou a se meter com ela e a desfrutar de seu corpo. E tanto se meteu que a engravidou também. Olhem: prestem atenção pra não perder o fio da meada: Alcmena está grávida dos dois, do marido e do supremo Júpiter.

Neste momento, meu pai está lá dentro deitado com ela. E pra prolongar ainda mais os seus prazeres, ele tornou esta noite mais longa. Mas vejam bem: ele está disfarçado como se fosse o próprio Anfitrião. Afinal de contas, pra Júpiter, nada é impossível. Alcmena está com um amante, mas pensa que tá com o marido.

Quanto a mim, pra poder servir melhor meu pai em seus amores, me transformei em Sósia, o escravo que foi com Anfitrião para guerra. Por isso eu, Mercúrio, estou vestido assim, desse modo inusitado, como se eu fosse um escravo de verdade.

Bem, hoje vão chegar aqui Anfitrião e o escravo de quem eu tomei a aparência. Para que possam nos distinguir mais facilmente, eu terei no chapéu estas duas asinhas. Já meu pai usará uma corrente de ouro que Anfitrião não terá. E estes distintivos, só vocês poderão ver. Mas lá vem o Sósia, chegando do porto. Reparem como ele é igualzinho a mim...

**SÓSIA** - Quem neste mundo é mais ousado que eu? Quem é mais corajoso e mais besta também pra andar sozinho a essa hora da noite na rua, conhecendo como eu conheço certos hábitos de nossa juventude? E se os triúnviros me pegarem e me meterem na cadeia? O meu café da manhã vai ser só porrada! E ninguém, nem meu dono, virá em meu socorro. Todo mundo vai dizer que foi merecido e oito brutamontes vão dar em mim como se eu fosse uma bigorna. Essa seria a bela recepção pela minha volta. E tudo por causa da impaciência de meu dono, que me fez sair do porto a essa hora da noite, pra vir anunciar à sua mulher a notícia de sua chegada. Não podia esperar o dia amanhecer? É por isso que é duro ser escravo de um homem rico e poderoso. Como o cara nunca trabalhou na vida, acha que se pode fazer tudo o que lhe dá na telha. Não quer nem saber se o que ordena é justo ou não. O escravo que se vire, tem que suportar todas as desgraças. Por isso eu sempre digo: ser escravo... é foda, meu!

**MERCÚRIO** - Quem deve reclamar sou eu, que sempre fui livre. Esse aí já nasceu escravo...

**SÓSIA** - Bem, agora deixa eu cumprir as ordens do meu dono e entrar em casa...

**MERCÚRIO** - Epa! Entrar em casa? Isso é que não! Não vou deixar ele nem chegar perto

da casa. Por aqui ele não passa. E como eu tenho a sua aparência, vou tirar um sarro nele. Depois eu expulso ele daqui... Ué! Mas por que será que ele está olhando para o céu?

**SÓSIA** - Caramba! Não sei se eu sei ou se não sei, mas me parece que o deus Noturno dormiu bêbado esta noite: as estrelas não se movem no céu, a lua não sai do lugar, nem Orion, nem Vênus, nem as plêiades se põem no horizonte. Tá tudo parado. Parece que esta noite não vai ceder seu lugar pro dia!

**MERCÚRIO** - Continua como começaste, ó Noite! Mostra-te obediente a meu pai. É melhor dares o melhor de ti ao melhor dos deuses, se queres sair-te bem.

**SÓSIA** - Eu acho que nunca vi uma noite mais comprida do que esta, a não ser aquela em que eu fiquei eternamente pendurado, levando chicotadas. Mas pra dizer a verdade, nem mesmo aquela foi tão longa. Desconfio que o Sol dormiu, depois de ter bebido mais do que devia.

**MERCÚRIO** - Ah, seu safado! Tá pensando que os deuses são como você! Pois vai levar uma surra, seu miserável, por ter falado isso.

**SÓSIA** - Isso sim é que é uma noite supimpa pra se dar uma bela trepada!

**MERCÚRIO** - Meu pai que o diga.

**SÓSIA** - Bem, deixa eu dizer a Alcmena o que o patrão encomendou. Chiii! Tem um cara parado ali, em frente de nossa casa. Vai dar bode.

**MERCÚRIO** - O banana tá tremendo de medo: vou me divertir com ele.

**SÓSIA** - Ai, que eu tô ferrado! Pelo jeito, eu vou ter uma recepção pugilística! Pelo menos, tem um lado bom: meu dono me obrigou a ficar acordado até agora e esse cara vai me pôr pra dormir.

**MERCÚRIO** - Vamos, punhos meus! Já faz um bom tempo que vocês não se exercitam. Parece já ter passado um século desde que ontem vocês deixaram estendidos no chão aqueles quatro sujeitos!

**SÓSIA** - Quatro?! Ai! Tô com medo de ter que mudar meu nome e de Sósia passar a me chamar Quinto.

**MERCÚRIO** - Daqui não vai sair sem apanhar.

**SÓSIA** - Quem?

**MERCÚRIO** - O primeiro que chegar aqui vai comer socos.

**SÓSIA** - Não, obrigado. Não me faz bem comer a esta hora da noite. E eu acabei de jantar. Se você quiser, pode distribuir essa comida pra quem tá com fome.

**MERCÚRIO** - Puxa, como essa minha mão é pesada!

**SÓSIA** - Tô morto! Ele tá pesando o soco dele.

**MERCÚRIO** - E se com um leve soco eu pusesse alguém pra dormir...

**SÓSIA** - Eu agradeceria. Já faz três dias que eu não durmo.

**MERCÚRIO** - Mau, mau! Essa minha mão não quer saber de dar socos leves. Ela tá mesmo a fim é de desfigurar a cara do sujeito que ela acertar.

**SÓSIA** - Porra, esse cara tá querendo mudar a minha cara!

**MERCÚRIO** - Tem que ficar desossada a cara que levar o soco.

**SÓSIA** - Ai, ele pensa em me desossar como se eu fosse uma moréia. Sai fora, ô desossador de gente! Se ele me vê aqui, eu tô ferrado!

**MERCÚRIO** - Umh! Senti um cheiro de gente. Vai levar porrada!

**SÓSIA** - Ô desgraça! Será que soltei um bem agora?

**MERCÚRIO** - E não deve estar longe, apesar de ter vindo de longe.

**SÓSIA** - Esse cara é um adivinho.

**MERCÚRIO** - Ah! Minha mão tá louca de vontade de bater.

**SÓSIA** - Bate ali na parede.

**MERCÚRIO** - Opa! Uma voz voou até meus ouvidos.

**SÓSIA** - Ai, desgraçado de mim, que não cortei as asas dela. Esqueci que eu tinha uma voz voadora.

**MERCÚRIO** - Não sei quem tá falando aqui.

**SÓSIA** - Tô salvo. Ele não tá me vendo. Ele falou que quem tá falando é o “não sei quem”, e o meu nome é Sósia, disso eu tenho certeza.

**MERCÚRIO** - Uma voz vinda dali me acertou o ouvido...

**SÓSIA** - Minha voz acertou o ouvido dele e ele vai querer me acertar a cara. Ai, que eu tô com tanto medo que não consigo nem sair do lugar. Sabem o que eu vou fazer?. Vou falar com ele, cara a cara. Quem sabe ele pense que eu sou corajoso e não me enfrente.

**MERCÚRIO** - Ei, onde você vai!

**SÓSIA** - O que é que você tem com isso?

**MERCÚRIO** - Você é escravo ou homem livre?

**SÓSIA** - Eu sou o que eu quiser.

**MERCÚRIO** - É?

**SÓSIA** - É.

**MERCÚRIO** - Um saco de pancada é o que você é.

**SÓSIA** - Mentira!

**MERCÚRIO** - Você quer que eu te mostre como é verdade.

**SÓSIA** - Não, não... Não precisa.

**MERCÚRIO** - Posso saber aonde você vai, de quem você é e o que te traz aqui?

**SÓSIA** - Vou ali, sou escravo do meu dono. Fui claro?

**MERCÚRIO** - Cuidado que eu te fodo essa língua aí, seu safado!

**SÓSIA** - Não pode. Minha língua é ainda uma donzela recatada.

**MERCÚRIO** - Vai fazendo gracinha, vai, que você vai ver só! O que é que você quer nessa casa?

**SÓSIA** - E você? O que é que tá fazendo aí?

**MERCÚRIO** - O rei Creonte sempre põe um guarda-noturno aqui.

**SÓSIA** - E ele faz muito bem! Enquanto a gente tava fora, a casa ficou bem guardada.

Mas agora você já pode ir embora; vá dizer ao rei que a gente já chegou.

**MERCÚRIO** - Não sei de que gente você está falando. Se você não sumir já daqui, seu projeto de gente, não vai ser nada gentil a sua recepção.

**SÓSIA** - Mas eu moro aqui, sou escravo dos donos da casa.

**MERCÚRIO** - Você mora aqui?

**SÓSIA** - Moro sim.

**MERCÚRIO** - E quem é seu dono?

**SÓSIA** - Anfitrião, o comandante do exército tebano, marido de Alcmena.

**MERCÚRIO** - Ah, é? E qual é o seu nome?

**SÓSIA** - Sósia. É como os tebanos me chamam. O filho de Davo.

**MERCÚRIO** - Pois você vai se arrepender de ter vindo aqui com essa mentira mal alinhavada.

**SÓSIA** - Não. Eu vim foi com a túnica mal alinhavada.

**MERCÚRIO** - Continua mentindo. Você veio com os pés, não com a túnica.

**SÓSIA** - Lá isso é verdade.

**MERCÚRIO** - A verdade é que você vai apanhar, por causa dessa mentira.

**SÓSIA** - A verdade é que eu não quero apanhar.

**MERCÚRIO** - A verdade é que você vai apanhar, mesmo não querendo. Toma! Essa é que é a verdade verdadeira!

**SÓSIA** - Ai! Piedade, por favor!

**MERCÚRIO** - Então você ousa dizer que é Sósia, quando Sósia sou eu?

**SÓSIA** - Tô morto!

**MERCÚRIO** - Morto é pouco, perto do que vai te acontecer. Vamos, diga: de quem você é agora?

**SÓSIA** - Sou seu. Pelo uso do soco, você me fez seu. Socorro, cidadãos tebanos!

**MERCÚRIO** - Ainda grita, seu amaldiçoado! Fala: o que você veio fazer aqui!

**SÓSIA** - Vim apanhar de você!

**MERCÚRIO** - Quem é você?

**SÓSIA** - Eu sou o Sósia de Anfitrião.

**MERCÚRIO** - Vai apanhar de novo. Eu sou o Sósia, não você.

**SÓSIA** - Quem dera que assim fosse! Seria eu que tava te batendo...

**MERCÚRIO** - O que é que você tá resmungando aí?

**SÓSIA** - Eu? Nada, não.

**MERCÚRIO** - Quem é seu dono?

**SÓSIA** - Quem você quiser.

**MERCÚRIO** - E o seu nome agora, qual é?

**SÓSIA** - Ninguém, só o que você mandar.

**MERCÚRIO** - Mas você dizia que era o Sósia de Anfitrião.

**SÓSIA** - Me expressei mal. O que eu quis dizer é que eu era o sócio de Anfitrião.

**MERCÚRIO** - Eu sabia que não tinha nenhum outro escravo chamado Sósia, além de mim, nesta casa.

**SÓSIA** - Por favor, vamos fazer uma trégua : me deixa falar, sem me bater.

**MERCÚRIO** - Tá, eu deixo: pode falar o que quiser.

**SÓSIA** - Não, sem uma trégua feita, eu não falo. O seu soco dói pra cacete!

**MERCÚRIO** - Pode falar. Eu não vou te fazer mal.

**SÓSIA** - Você me dá sua palavra?

**MERCÚRIO** - Dou.

**SÓSIA** - E se você me enganar?

**MERCÚRIO** - Que a ira de Mercúrio caia sobre Sósia.

**SÓSIA** - Então presta atenção: já que você me deixou falar, eu vou falar: eu sou Sósia, o escravo de Anfitrião.

**MERCÚRIO** - De novo!

**SÓSIA** - Péra lá, nós temos um trato e eu tô falando a verdade.

**MERCÚRIO** - Vai apanhar.

**SÓSIA** - Pode me bater, pode fazer o que você quiser, mas a verdade tem que ser dita! Ora, então eu não sou Sósia, escravo de Anfitrião? Por acaso o nosso navio não chegou esta noite do porto Pérsico, me trazendo? Por acaso o meu dono não me mandou pra cá? Por acaso eu não tô aqui, diante de nossa casa? Não tô falando? Não tô acordado? Não tô com o queixo até doendo de tanto levar porrada? Pois eu não tenho dúvida de que eu sou eu e vou entrar na nossa casa.

**MERCÚRIO** - O quê? Entrar onde?

**SÓSIA** - Na nossa casa.

**MERCÚRIO** - Não vai não. O que você acaba de dizer é tudo mentira. Eu sou Sósia, escravo de Anfitrião. Foi o nosso navio que esta noite partiu do porto Pérsico; e fomos nós que conquistamos a cidade onde reinou o rei Ptérelas; e fomos nós que, com muita luta, derrotamos as legiões dos Teléboas; e foi o próprio Anfitrião quem decapitou o rei Ptérelas em combate.

**SÓSIA** - Eu próprio não acredito em mim: o cara sabe tudo o que se passou lá. Ah! Mas me fala uma coisa: que presente foi dado a Anfitrião pelos Teléboas?

**MERCÚRIO** - A taça de ouro que o rei Ptérelas usava pra encher a cara.

**SÓSIA** - Falou. Mas essa taça, onde ela está agora?

**MERCÚRIO** - Numa caixa, selada com o sinete de Anfitrião.

**SÓSIA** - E como é o sinete?

**MERCÚRIO** - Um sol nascente com sua quadriga. Tá pensando que me pega, seu cretino!

**SÓSIA** - É, vou ter que procurar outro nome. Não sei como esse cara viu tudo isso. Ah! mas tem uma coisa que eu fiz sozinho dentro da barraca e que ninguém viu. Isso ele não vai poder saber. Ei, se você é mesmo Sósia, então me diga: o que você fez dentro da barraca, sozinho, enquanto as tropas estavam lutando? Me dou por vencido, se você disser.

**MERCÚRIO** - Tinha lá uma pipa de vinho e eu peguei uma garrafa e enchi.

**SÓSIA** - Chi, começou no caminho certo.

**MERCÚRIO** - E aí virei ela numa golada só e bebi tudo purinho.

**SÓSIA** - Pois foi isso mesmo que eu fiz. Será que esse cara tava dentro da garrafa, caramba?

**MERCÚRIO** - E então? Tá convencido de que você não é o Sósia?

**SÓSIA** - Quer dizer então que eu não sou eu?

**MERCÚRIO** - Exatamente, porque, na verdade, eu é que sou eu.

**SÓSIA** - Mas eu juro por Júpiter que eu sou eu e que falo a verdade.

**MERCÚRIO** - E eu juro por Mercúrio que Júpiter não acredita em você. E que ele acredita mais em mim sem jurar do que em você, jurando.

**SÓSIA** - Quem sou eu então, se eu não sou Sósia? Me diga.

**MERCÚRIO** - Bem, quando eu não quiser mais ser o Sósia, aí você poderá ser o Sósia. Mas agora, como o Sósia sou eu, você vai apanhar, se não for embora daqui imediatamente, seu desnomeado.

**SÓSIA** - Realmente, quando eu olho pra esse cara, reconheço a minha figura tal qual eu

sou, como já me vi muitas vezes no espelho. De fato, ele é igualzinho a mim. Tem o mesmo chapéu, a mesma roupa. Ele se parece mais comigo do que eu mesmo. A perna, o pé, a altura, o corte de cabelo, os olhos, o nariz, os lábios, o queixo, a barba, o pescoço, tudo igualzinho a mim. Se lombo dele for riscado de cicatriz, então não tem nada mais parecido. Só que quando eu penso aqui comigo, eu tenho certeza de que eu sou o mesmo que sempre fui. Conheço o meu dono; conheço nossa casa; tô com o meu juízo perfeito... Quer saber de uma coisa: não vou ligar para o que ele tá dizendo, não. Eu vou é bater na porta.

**MERCÚRIO** - Ei, onde você pensa que vai?

**SÓSIA** - Em casa.

**MERCÚRIO** - Olha aqui: eu vou te matar até você morrer, se você não sumir já daqui. **SÓSIA** - Então eu não posso dar o recado pra minha dona?

**MERCÚRIO** - Pra sua, você pode, mas pra minha, não! E vê se não me enche mais o saco, senão você vai sair daqui desconjuntado. É o que você quer?

**SÓSIA** - Não, prefiro ir embora. Valham-me deuses imortais! Onde foi que eu morri? Onde foi que eu troquei de pele? Onde foi que eu perdi minhas fuças? Será que eu me esqueci aqui, quando eu fui? Ou será que já inventaram a tal clonagem e eu não fiquei sabendo? Vou até o porto contar tudo pro meu amo. Se ele também não me reconhecer, eu raspo a minha cabeça e pego o meu boné de liberto. [Sai]

**MERCÚRIO** - Bom. Até aqui, tudo bem. Esse, que era o problema mais complicado, já afastei daqui. Meu pai pode continuar fazendo o que ele tá fazendo com a mulher do Anfitrião com toda segurança. E agora, de acordo com o texto original, eu conto tudo o que vai acontecer nesta peça até o fim. Mas deve ser porque o público da época de Plauto era um tanto quanto obtuso. Mas como vocês não são, eu vou pular essa parte e vou lá pro fim de minha fala: epa! a porta rangeu. Ah! É o falso Anfitrião que tá saindo, com Alcmena, sua esposa por usufruto.

**JÚPITER** - Adeus, Alcmena. Cuide bem de nossas coisas, como você costuma, e cuide principalmente de sua saúde. Você mesma pode ver que a hora do parto já está chegando. Eu preciso ir. Levante do chão em meu lugar a criança que nascer.

**ALCMENA** - Mas que compromisso é esse, meu querido marido? Por que você precisa ir embora assim tão depressa?

**JÚPITER** - Ora, não vá você pensar que eu já tô enjoado de você ou de nossa casa. É que quando o general não está junto de seu exército, costuma ocorrer o que não deve mais depressa do que o que deve.

**MERCÚRIO** - Mas como é malandro esse meu pai! Olhem só como ele enrola a coitada

da mulher com suas carícias.

**ALCMENA** - Só eu sei o pouco caso que você faz de sua esposa.

**JÚPITER** - Mas, meu bem, não lhe basta saber que não há nenhuma mulher no mundo que eu ame tanto quanto eu amo você.

**MERCÚRIO** - Ah, se a outra lá de cima escutasse... Aposto que você iria preferir ser Anfitrião de verdade, em vez de Júpiter.

**ALCMENA** - Eu gostaria que você demonstrasse esse amor com atos, não com palavras. Você não chegou nem a esquentar a cama e já vai embora. Chegou ontem no meio da noite e agora já está de saída. Acha que eu gosto disso?

**MERCÚRIO** - Deixa eu exercer meu papel de parasito e puxar o saco de meu pai. Olha, dona Alcmena, não existe no mundo nenhum mortal tão perdidamente apaixonado por sua esposa quanto ele está pela senhora. Ele morre de amor pela senhora...

**JÚPITER** - O seu salafrário, pensa que eu não te conheço? Suma já da minha frente! Quem te deu ordem de se meter onde não é chamado? Vou te dar um cacete...

**ALCMENA** - Não!

**JÚPITER** - Abre a boca mais uma vez, abre!

**MERCÚRIO** - Unh! Pelo visto, me dei mal na minha estréia como parasito.

**JÚPITER** - Mas, meu amor, não é justo que você fique irritada comigo. Saí escondido do exército: me furtei aos meus deveres por você porque eu queria ser o primeiro a te falar de nossa vitória. Te contei tudo. Você foi a primeira a saber. Se eu não te amasse tanto assim, teria feito isso?

**MERCÚRIO** - Não falei? Vejam só como ele enrola a coitadinha...

**JÚPITER** - Agora, eu tenho que voltar pra lá escondido, pra que a tropa não perceba. Não quero que eles digam que eu coloco minha esposa acima dos interesses do Estado.

**ALCMENA** - Mas você indo, deixa a sua esposa banhada em lágrimas.

**JÚPITER** - Não diga isso. Não estrague seus lindos olhos. Logo estarei de volta.

**ALCMENA** - Logo... só eu sei o quanto vai demorar esse "logo".

**JÚPITER** - Não é por gosto que eu vou.

**ALCMENA** - Tô vendo mesmo: vai embora na mesma noite em que chegou.

**JÚPITER** - Sinto muito, amor, mas não posso ficar. Quero sair da cidade antes que amanheça. Olha: esta taça me foi dada como prêmio por minha coragem. É nela que o rei Ptérelas, que eu matei com minhas próprias mãos, costumava beber. Tome, Alcmena, ela é sua.

**ALCMENA** - Vejo que continua o mesmo. Tal presente é digno de quem o dá.

**MERCÚRIO** - Qual o quê! Tal presente é digno de quem o recebe.

**JÚPITER** - Você de novo?! Tá pensando que eu não posso te desgraçar, seu desgraçado?

**ALCMENA** - Por favor, Anfitrião, não se irrite com o Sósia por minha causa, não.

**JÚPITER** - Tá bem, tá bem. Mais alguma coisa, Alcmena?

**ALCMENA** - Que longe de mim você me ame, porque sou sempre sua, mesmo em sua ausência.

**MERCÚRIO** - Vamos, Anfitrião. Já está amanhecendo.

**JÚPITER** - Pode ir indo, Sósia. Mais alguma coisa?

**ALCMENA** - Sim: que volte logo.

**JÚPITER** - Fique tranqüila. Estarei aqui antes do que você pensa. [Alcmena entra] Agora, ó Noite, tu que esperaste por mim, dou-te licença para que cedas lugar ao dia, para que ele possa iluminar os mortais com sua luz clara e resplandecente. E como tu, ó Noite, foste mais longa do que a anterior, farei com que o dia seja mais curto, compensando assim o desequilíbrio. Vai: que o dia suceda a noite. [Sai]

[Música. O palco fica vazio por alguns instantes]

**ANFITRIÃO** - Vem, vem atrás de mim.

**SÓSIA** - Tô indo, senhor.

**ANFITRIÃO** - Sabe o que você é? Um patife de marca maior.

**SÓSIA** - Mas por quê?

**ANFITRIÃO** - Porque o que você está me dizendo não existe, nunca existiu nem jamais existirá.

**SÓSIA** - Pronto! Taí o jeito que o senhor é: não acredita em nenhum dos seus escravos. **ANFITRIÃO** - Olha o respeito, hem! Eu te corto essa sua língua safada, seu safado!

**SÓSIA** - Eu sou seu. O senhor pode fazer de mim o que lhe der na telha. Mas não pode me impedir de contar os fatos como eles aconteceram.

**ANFITRIÃO** - Ah, grandessíssimo safado, então você ousa afirmar que está neste momento em nossa casa, estando aqui, a meu lado?

**SÓSIA** - É a pura verdade, senhor.

**ANFITRIÃO** - O castigo que os deuses te darão, eu te darei hoje mesmo.

**SÓSIA** - Isso está em suas mãos. Já disse que sou seu.

**ANFITRIÃO** - Então você se atreve, seu miserável, a zombar de seu dono? Então você se atreve a dizer o que ninguém até hoje nunca viu e nem pode acontecer, um mesmo homem estar em dois lugares ao mesmo tempo?

**SÓSIA** - No entanto, a coisa é exatamente assim como eu digo.

**ANFITRIÃO** - Que Júpiter te desgrace!

**SÓSIA** - Mas que mal eu fiz, senhor?

**ANFITRIÃO** - Ainda pergunta, seu sem-vergonha? Você tá querendo me fazendo de palhaço!

**SÓSIA** - O senhor teria razão em me xingar, se eu tivesse inventado essa história. Mas eu não tô mentindo, senhor, a coisa aconteceu mesmo, como eu tô dizendo.

**ANFITRIÃO** - Não é possível, esse sujeito tá bêbado!

**SÓSIA** - Bem que eu gostaria de estar mesmo.

**ANFITRIÃO** - E tá. Onde foi que você encheu a cara?

**SÓSIA** - Eu não bebi nada, juro.

**ANFITRIÃO** - Então que história é essa do tal sujeito?

**SÓSIA** - Já te disse dez vezes: Eu, Sósia, estou agora lá em casa. Tá me ouvindo? E eu, Sósia, estou aqui também, ao seu lado. Falei bem claro agora? Deu pra entender bem?

**ANFITRIÃO** - Fora! Sai de perto de mim!

**SÓSIA** - Que negócio é esse?

**ANFITRIÃO** - Você tá louco e loucura pega!

**SÓSIA** - Não diga isso, senhor. Estou ótimo e com a saúde perfeita.

**ANFITRIÃO** - Pois hoje você vai ficar bem menos ótimo e com a saúde em pandarecos, como você merece. Espera só a gente chegar em casa. Além de não cumprir as ordens de seu dono, ainda acha que pode fazer ele de palhaço, dizendo coisas impossíveis de acontecer. Mas fique sabendo que essa papagaiada toda vai se transformar em pau no lombo, seu patife.

**SÓSIA** - Mas, seu Anfitrião, não existe desgraça mais desgraçada para o bom escravo do que ver que a verdade que ele diz a seu dono é recompensada pela violência.

**ANFITRIÃO** - Olha, raciocine comigo: como é que pode, seu salafrário, você estar agora aqui e lá em casa? Vamos, diga.

**SÓSIA** - A verdade é que eu estou aqui e lá. O senhor acha estranho? Pois eu também acho. Juro pelos deuses que de cara eu, Sósia, também não acreditei em mim, até que Sósia, o outro eu, me fez acreditar nele. Ele descreveu direitinho, tintim por tintim, tudo o que nós fizemos lá no estrangeiro. Ele me roubou a figura e o nome. Duas gotas de leite não são tão semelhantes entre si como ele e eu. Quando antes de amanhecer eu tava chegando em casa pra cumprir o que o senhor tinha ordenado...

**ANFITRIÃO** - O que aconteceu?

**SÓSIA** - Eu já tava lá, diante da porta, muito antes de eu mesmo ter chegado.

**ANFITRIÃO** - Deixa de lorota, ô estúpido! Você tá de miolo mole!

**SÓSIA** - Isso é verdade. Fiquei de miolo mole de tanto levar porrada.

**ANFITRIÃO** - E quem te bateu?

**SÓSIA** - Eu. Quer dizer: eu que tô lá em casa agora.

**ANFITRIÃO** - Olha aqui! Vê se me responde só o que eu te pergunto. Primeiro, quero que me diga quem é esse tal Sósia.

**SÓSIA** - O seu escravo.

**ANFITRIÃO** - Ah, não! Um só já é muito mais do que eu quero. E desde que nasci nunca tive outro escravo chamado Sósia além de você.

**SÓSIA** - E eu te digo o seguinte, seu Anfitrião: garanto que chegando em casa o senhor vai encontrar lá um outro escravo Sósia, além de mim, filho do mesmo Davo, como eu, com a mesma cara e com a mesma idade que eu. Preciso falar mais? Este seu Sósia aqui virou dois.

**ANFITRIÃO** - Isso tudo é uma maluquice sem tamanho. Mas você chegou a ver minha esposa?

**SÓSIA** - De que jeito? Não me deixaram entrar em casa.

**ANFITRIÃO** - E quem te impediu?

**SÓSIA** - O tal Sósia de quem te falei. O mesmo que me acertou a cara.

**ANFITRIÃO** - E quem é esse tal Sósia?

**SÓSIA** - Eu. Quantas vezes eu preciso te dizer?

**ANFITRIÃO** - Ora, você dormiu e viu em sonho esse tal Sósia.

**SÓSIA** - Eu não costumo cumprir as ordens de meu dono, dormindo. Foi bem acordado que eu vi, como bem acordado eu te vejo agora e bem acordado estou falando com o senhor. E eu tava bem acordado quando ele, bem acordado também, me encheu a cara de porrada.

**ANFITRIÃO** - Quem?

**SÓSIA** - O Sósia, digo, aquele eu. Mas será o benedito que o senhor não entende?

**ANFITRIÃO** - Como alguém pode entender uma coisa dessas, seu safado? Você só fala baboseira.

**SÓSIA** - Logo o senhor vai conhecer toda a verdade, quando conhecer o outro Sósia.

**ANFITRIÃO** - É. Chegando em casa, vamos pôr tudo isso em pratos limpos. Mas antes vá até o navio buscar a caixa com a taça do rei Ptérelas. Vou fazer uma surpresa a Alcmena. Eu espero você aqui. [Sósia sai]

**ALCMENA** - [Saindo de casa sem ver Anfitrião] Ai, quão poucas são as alegrias desta vida em comparação com os desgostos. Esse é o destino de cada um na existência humana,

essa é a vontade dos deuses: que a alegria ande sempre de mãos dadas com a tristeza. A breve felicidade que às vezes alcançamos, logo é esmagada pela dor e desventura. Falo por experiência própria: hoje me foi dada a felicidade de ver meu marido — uma noite apenas! — e eis que de repente, antes do amanhecer, ele parte. E agora me sinto ainda mais sozinha, sem aquele que amo mais do que tudo neste mundo. A dor da partida foi maior que alegria da chegada. Só uma coisa me deixa feliz: é ele ter vencido os inimigos e voltar para casa coberto de glória. É o que me consola e me dá força para suportar sua ausência. Pelo menos, me é concedida a graça de ver meu marido aclamado herói, vencedor na guerra. Ah, o valor é o maior dos prêmios. O valor está acima de tudo. É ele que protege e preserva a liberdade, a segurança, a vida, os bens, a família, a pátria e os filhos. Quem tem valor tem todos os bens.

**ANFITRIÃO** [Sem ver Alcmena] Minha esposa deve estar morrendo de saudade de mim, ansiosa pelo meu regresso. Ela me ama tanto quanto eu a amo. Ah, como estou ansioso por encontrá-la.

**SÓSIA** - [Voltando à cena no meio da fala de Anfitrião] Eu também, patrão: tô louco de vontade de encontrar a minha lambisgóia!

**ANFITRIÃO** - Vamos, Sósia.

**ALCMENA** - [Vendo Anfitrião] Mas é o meu marido! Por que será que ele já está de volta? **SÓSIA** - [Vendo Alcmena] Xi, patrão! É melhor a gente voltar pro navio.

**ANFITRIÃO** - Ué, por quê?

**SÓSIA** - Em nossa casa não vai ter comida.

**ANFITRIÃO** - Mas que idéia é essa?

**SÓSIA** - É que nós chegamos tarde demais.

**ANFITRIÃO** - Tarde, por quê?

**SÓSIA** - Olha lá. A dona Alcmena já comeu tudo. Ó o tamanho do barrigão dela.

**ANFITRIÃO** - [Dirigindo-se a Alcmena] Anfitrião saúda com alegria sua adorada esposa, a melhor, a mais honesta e a mais virtuosa de todas as mulheres de Tebas. E então, querida, como tem passado? Estava com saudade de mim?

**SÓSIA** - [À parte] Tanta saudade assim eu nunca vi. Acho que até um cachorro seria mais bem recebido!

**ANFITRIÃO** - Fico muito feliz por ver que sua gravidez tem corrido bem!

**ALCMENA** - Pelos deuses, Anfitrião, que brincadeira é essa? Você me cumprimenta e fala comigo como se não me tivesse visto ainda há pouco! Como se só agora estivesse voltando da guerra para casa!

**ANFITRIÃO** - Mas é isso mesmo: só agora é que estou te vendo.

**ALCMENA** - Por que você nega que esteve comigo há pouco?

**ANFITRIÃO** - É que aprendi a dizer sempre a verdade.

**ALCMENA** - E pelo visto você desaprendeu o que aprendeu. Vai, deixa de brincadeira e me diga: por que é que vocês voltaram assim tão depressa? Você dizia há pouco que tinha urgência de se juntar aos seus soldados.

**ANFITRIÃO** - Há pouco? Que “há pouco” é esse?

**ALCMENA** - Você tá me testando. Já faz um tempão, mas foi agorinha mesmo.

**ANFITRIÃO** - Mas como é possível isso que você tá dizendo: faz um tempão e foi agorinha mesmo?

**ALCMENA** - E você tá pensando que eu não sei brincar também? Foi você que começou, dizendo que tá chegando agora, quando, na verdade, acabou de sair daqui.

**ANFITRIÃO** - [a Sósia] Essa aí não tá falando coisa com coisa.

**SÓSIA** - Vamos esperar mais um pouco, até ela acordar de vez.

**ANFITRIÃO** - Mas será que ela sonha acordada?

**ALCMENA** - Mas, por Castor, eu estou acordada e é bem acordada que eu conto o que aconteceu. Ainda há pouco, antes do amanhecer, eu vi você e esse traste aí.

**ANFITRIÃO** - Onde?

**ALCMENA** - Aqui, nesta casa onde você mora.

**ANFITRIÃO** - Nunca na vida.

**SÓSIA** - [baixo, a Anfitrião] Seu Anfitrião, fique quieto. [Alto, para Alcmena ouvir] É, pode ser que à noite, enquanto dormíamos, o navio nos trouxe do porto para cá!

**ANFITRIÃO** - [a Sósia] O que há? Deu a louca em você também.

**SÓSIA** - Por acaso o senhor não sabe que se a gente contraria uma bacante no bacanal, de louca ela já está, ela fica ainda mais louca, e cai de porrada em cima da gente? Agora, se a gente dá razão a ela, com um soquinho só ela já liquida tudo.

**ANFITRIÃO** - Ah, não! Ela vai ter que me explicar direitinho por que me recebeu com tanta frieza.

**SÓSIA** - Olha que isso vai dar bode!

**ANFITRIÃO** - Cala a boca, você. Alcmena, me responda uma única pergunta.

**ALCMENA** - Pode perguntar o que você quiser.

**ANFITRIÃO** - Por acaso você perdeu o juízo ou foi o orgulho que te subiu à cabeça?

**ALCMENA** - Mas o que foi que te deu, marido, pra me fazer uma pergunta dessa?

**ANFITRIÃO** - É que antes, quando eu chegava em casa, você costumava me cumprimentar e me dar boas-vindas, como costumam fazer as boas esposas. Mas hoje eu chego e descubro que você perdeu esse costume.

**ALCMENA** - Mas, por Castor, eu te juro que ontem, quando você chegou, eu te cumprimentei e perguntei como você estava. E, além disso, querido, peguei sua mão e lhe dei um beijo.

**SÓSIA** - A senhora cumprimentou ele ontem?

**ALCMENA** - E você também, Sosia.

**SÓSIA** - Seu Anfitrião, eu tava esperando que ela fosse te dar um filho. Mas não é de criança que ela tá grávida não. Ela tá grávida de pura loucura.

**ALCMENA** - E você, seu atrevido, vai levar uma surra daquelas, se meu marido fizer o que se deve, seu agourento duma figa!

**ANFITRIÃO** - Você me viu ontem aqui?

**ALCMENA** - Já disse que vi. Quer que eu repita mil vezes?

**ANFITRIÃO** - Em sonho, talvez.

**ALCMENA** - Claro que não. Eu tava acordada e você também.

**ANFITRIÃO** - Ai de mim!

**SÓSIA** - Que foi?

**ANFITRIÃO** - Minha mulher tá louca.

**SÓSIA** - É bile negra. Isso quando dá em alguém deixa louco na hora.

**ANFITRIÃO** - Mulher, você começou a sentir essas perturbações quando?

**ALCMENA** - Mas, por Castor, eu estou otimamente bem, de corpo e de alma.

**ANFITRIÃO** - Então por que você insiste em dizer que me viu ontem, se foi esta noite que chegamos no porto? Foi lá que jantei e foi lá, no navio, que dormi a noite inteira. E não pus meus pés ainda em nossa casa, desde que parti daqui pra guerra com os Teléboas.

**ALCMENA** - Essa não. Você jantou comigo e se deitou comigo.

**ANFITRIÃO** - Como é que é?

**ALCMENA** - Tô dizendo a verdade.

**ANFITRIÃO** - Sobre ter sido comigo, não! Agora, quanto ao resto, não sei.

**ALCMENA** - E bem cedinho você voltou para junto de sua tropa.

**SÓSIA** - Seu Anfitrião, ela tá te contando o sonho que ela teve. Mas, dona Alcmena, depois que a senhora acordou, a senhora devia ter rezado pra Júpiter e oferecido farinha salgada e incenso, porque é ele quem afasta os maus agouros.

**ALCMENA** - Ai de sua cabeça!

**SÓSIA** - Ai da sua... tá precisando ser regulada.

**ALCMENA** - [a Anfitrião] Já é a segunda vez que esse sujeitinho me falta com o respeito e você não faz nada!

**ANFITRIÃO** - [a Sósia] Você, cala a boca! [a Alcmena] E você, fala: quer dizer então que

eu saí hoje cedinho daqui de casa?

**ALCMENA** - Ora, se foi você que me contou como foi a batalha.

**ANFITRIÃO** - E você sabe isso também?

**ALCMENA** - Claro, pois foi de sua boca que eu ouvi como você conquistou a poderosa cidade e como matou, com sua própria mão, o rei Ptérelas.

**ANFITRIÃO** - Eu? Eu te contei isso?

**ALCMENA** - Você, sim, e na presença desse aí.

**ANFITRIÃO** - Sósia, você me ouviu contar tal coisa hoje?

**SÓSIA** - Como eu poderia ter ouvido?

**ANFITRIÃO** - Pergunta pra ela.

**SÓSIA** - Que eu saiba, dona Alcmena, na minha frente, isso nunca aconteceu.

**ANFITRIÃO** - E então, mulher? Ouviu bem o que ele disse?

**ALCMENA** - Ouvi, sim. E daí? O que ele falou é mentira.

**ANFITRIÃO** - Que você não acredite nele, vá lá, mas nem em mim, que sou seu marido?

**ALCMENA** - É que eu acredito muito mais em mim e sei que tudo se passou como eu tô dizendo.

**ANFITRIÃO** - Mas você afirma que eu cheguei ontem?

**ALCMENA** - E você nega que foi embora hoje?

**ANFITRIÃO** - É claro que eu nego. Só agora eu tô chegando!

**ALCMENA** - Então vai negar também que me deu de presente uma taça de ouro que, você mesmo disse, ganhou de presente lá?

**ANFITRIÃO** - Nem dei nem disse, caramba! Pra dizer a verdade, eu tinha mesmo e ainda tenho a intenção de te dar essa taça. Mas quem foi que te disse isso?

**ALCMENA** - Ouvi de sua própria boca e a taça eu recebi de sua própria mão.

**ANFITRIÃO** - Espera, espera um pouco, por favor. [dirigindo-se a Sósia reservadamente] Essa história tá muito estranha, Sósia. Como é que ela sabe da taça? Por acaso foi você que contou pra ela?

**SÓSIA** - Juro por Pólux, senhor, que não contei. Eu também só tô vendo ela agora.

**ALCMENA** - Você quer que eu traga a taça?

**ANFITRIÃO** - Quero.

**ALCMENA** - Espere um pouco que eu vou buscar. [entra]

**ANFITRIÃO** - Sósia, e se ela tiver a taça?

**SÓSIA** - E senhor acha isso possível? Ela tá aqui, ó, dentro desta caixa, selada com seu próprio sinete.

**ANFITRIÃO** - E o selo não foi violado?

**SÓSIA** - Pode verificar.

**ANFITRIÃO** - Perfeito. Exatamente como eu pus.

**ALCMENA** - [voltando com a taça] Aqui está. Tome.

**ANFITRIÃO** - Me dá aqui.

**ALCMENA** - Vamos, olhe, examine. E depois continue negando a verdade dos fatos.

Não é essa a taça que te deram?

**ANFITRIÃO** - Júpiter do céu, o que vejo? É a taça, Sósia, é exatamente a mesma! Tô ferrado!

**SÓSIA** - Ou essa mulher é a maior mágica do mundo ou a taça tem que estar aqui dentro. **ANFITRIÃO** - Vamos, Sósia, abre a caixa.

**SÓSIA** - Abrir pra quê, senhor? O seu sinete tá aqui, intacto. A coisa tá bem arranjada: o senhor pariu outro Anfitrião, eu pari um outro Sósia, agora, se a taça pariu uma outra taça — putaqueopariu! — estamos todos duplicando por aqui.

**ANFITRIÃO** - Abra a caixa, eu quero ver.

**SÓSIA** - Primeiro o senhor faça o favor de verificar o sinete, pra não pôr a culpa em mim depois.

**ANFITRIÃO** - Abra logo que essa história tá me deixando maluco.

**ALCMENA** - Mas a taça é essa aqui, que você me deu de presente.

**ANFITRIÃO** - É o que eu preciso ver.

**SÓSIA** - Júpiter do céu!

**ANFITRIÃO** - O que foi?

**SÓSIA** - Não tem taça nenhuma na caixa.

**ANFITRIÃO** - Não brinca!

**SÓSIA** - É sério.

**ANFITRIÃO** - Te prego na cruz, se ela não aparecer.

**ALCMENA** - Mas já apareceu: é essa.

**ANFITRIÃO** - E quem foi que te deu?

**ALCMENA** - Aquele que está me perguntando.

**SÓSIA** - Ah, é pegadinha! O senhor veio escondido na minha frente, por outro caminho, tirou a taça, deu pra ela e depois fechou a caixa e pôs o seu sinete de novo nela, sem que ninguém visse.

**ANFITRIÃO** - Quer parar de falar besteira você também. [a Alcmena] Você então afirma que ontem nós estivemos aqui.

**ALCMENA** - Afirmo. E que, ao chegar, você me cumprimentou, eu te cumprimentei, e te dei um beijo.

**SÓZIA** - [para o público] Xi! Esse beijo vai dar galho!...

**ANFITRIÃO** - Prossiga.

**ALCMENA** - Você tomou banho.

**ANFITRIÃO** - E depois do banho?

**ALCMENA** - Você foi deitar-se à mesa.

**SÓZIA** - Muito bem! Ótimo! Vai perguntando, vai...

**ANFITRIÃO** - Fica quieto! [a Alcmena] Vai, continue a falar.

**ALCMENA** - O jantar foi servido. Você jantou comigo. E eu me deitei ao seu lado.

**ANFITRIÃO** - No mesmo leito?

**ALCMENA** - No mesmo.

**SÓZIA** - Xi! Esse jantar vai dar galho!...

**ANFITRIÃO** - Preciso saber onde isso vai dar. [a Alcmena] E depois que jantamos?

**ALCMENA** - Você quis ir pra cama. A mesa foi tirada e fomos nos deitar.

**ANFITRIÃO** - E onde foi que você se deitou?

**ALCMENA** - Junto com você, na nossa cama, em nosso quarto.

**ANFITRIÃO** - Ai, tô morto!

**SÓZIA** - Que foi?

**ANFITRIÃO** - Ela acabou comigo!

**ALCMENA** - Mas, pelo amor de Júpiter, o que foi que eu fiz?

**ANFITRIÃO** - Não fale comigo.

**SÓZIA** - O que foi?

**ANFITRIÃO** - Desgraçado de mim, tô perdido! Alguém manchou a minha honra em minha ausência!

**ALCMENA** - Por Castor! Por que é que você tá dizendo isso, meu marido?

**ANFITRIÃO** - Seu marido!? Ah, sua falsa, não me chame com esse falso nome.

**SÓZIA** - [para o público] A coisa tá complicada! Comeram a muié do patrão!

**ALCMENA** - O que foi que eu fiz pra merecer que você me fale assim?

**ANFITRIÃO** - Você mesma conta suas aventuras e ainda vem perguntar pra mim o que fez de errado?

**ALCMENA** - O que é que eu fiz de errado, se passei a noite com você, que é meu marido?

**ANFITRIÃO** - Você passou a noite comigo? É muito atrevimento pra uma desavergonhada só! Se você perdeu de vez a vergonha, finja que tem, pelo menos.

**ALCMENA** - Essa ação de que me acusa não é digna de minha linhagem. Se você tá pensando em me flagrar na desonestidade, fique sabendo que não vai conseguir.

**ANFITRIÃO** - Pelos deuses imortais! Sósia, você me conhece, não conhece?

**SÓSIA** - Mais ou menos.

**ANFITRIÃO** - Não é verdade que eu jantei ontem no navio, no porto Pérsico?

**ALCMENA** - Eu também tenho testemunhas que podem confirmar o que eu digo.

**SÓSIA** - Pra dizer a verdade, eu não sei o que dizer desse rolo todo. Só se tem outro Anfitrião, que, na sua ausência, cuide de seus interesses e que, também na sua ausência, exerça as suas funções de marido.

**ALCMENA** - Juro pelo reino de Júpiter, o supremo rei dos deuses, e por Juno, a verdadeira mater familias, a quem eu devo respeitar e temer acima de tudo, que nenhum outro mortal, além de você, tocou com seu corpo em meu corpo, me desonrando.

**ANFITRIÃO** - Bem que eu gostaria que isso fosse verdade.

**ALCMENA** - E é verdade, só que mesmo eu jurando você não acredita em mim.

**ANFITRIÃO** - É que você é mulher e mulher não tem medo de jurar.

**ALCMENA** - Quem não deve, não teme.

**ANFITRIÃO** - Você é muito destemida pro meu gosto.

**ALCMENA** - Como convém a uma mulher honrada.

**ANFITRIÃO** - Você é virtuosa só nas palavras.

**ALCMENA** - Pois fique sabendo que eu não considero o meu dote aquilo que se costuma chamar de dote. Meu dote é a honradez, a vergonha, o controle do desejo, o temor dos deuses, o amor dos pais, a boa relação com os parentes; é ser submissa a você, generosa para as pessoas de bem, útil para as pessoas honradas.

**SÓSIA** - Caramba! Se o que ela fala é verdade, ela é a perfeição em forma de gente!

**ANFITRIÃO** - [a Sósia] Ela me deixa tão completamente aturdido, Sósia, que já nem sei quem eu sou.

**SÓSIA** - O senhor é completamente o Anfitrião. Não me vá perder a sua pessoa por aí. Cuidado: porque tá todo mundo se transformando por aqui, desde que chegamos.

**ANFITRIÃO** - Bem, mulher, estou decidido a não abandonar esse caso, sem antes esclarecê-lo bem.

**ALCMENA** - Pois é o que eu também quero.

**ANFITRIÃO** - Olha, eu vou até o navio buscar o seu primo Náucrates, que viajou comigo. Se ele desmentir tudo o que você disse, você terá algum motivo pra se opor a que nosso casamento se desfaça?

**ALCMENA** - Se fiz alguma coisa de errado, não, não terei.

**ANFITRIÃO** - Então, tá certo. Você, Sósia, entre e me espere aqui. Eu vou atrás do

Náucrates. [sai].

**SÓSIA** - [a Alcmena] Dona Alcmena, agora que não tem mais ninguém além de nós, me conta uma coisa, mas fala sério: por acaso, lá dentro tem um outro Sósia, com a mesma cara que a minha?

**ALCMENA** - Some já daqui, seu estrupício!

**SÓSIA** - Tô indo, a senhora manda! [entra].

**ALCMENA** - O que será que deu em meu marido pra ele me acusar de uma falta tão grave? Seja como for, meu primo Náucrates virá aqui pra esclarecer tudo. [entra em casa]

[Música. O palco fica vazio por alguns instantes]

**JÚPITER** - Eu sou aquele Anfitrião que mora lá no piso superior e que, de vez em quando, se transforma em Júpiter, quando me dá na telha. Vim pra cá agora, primeiro por causa de vocês, pra dar continuidade a esta comédia; segundo, por causa de Alcmena, que está sendo acusada injustamente de desonestidade pelo marido. Vou fingir que sou Anfitrião e me reconciliar com ela.

**ALCMENA** - [saindo de casa, sem ver Júpiter] Não, não posso ficar mais nesta casa! Acusada de desonesta, de adúltera, de infame pelo meu próprio marido, vou ficar indiferente? Ah, não! Não vou suportar por mais tempo tamanha injustiça, não! Ou ele me dá uma satisfação e jure que está arrependido do que fez contra uma mulher inocente, ou a gente se separa. [vendo Júpiter] Ah! Mas ali está aquele que acusa sua infeliz mulher de adúltera. [vira as costas para Júpiter].

**JÚPITER** [dirigindo-se a Alcmena] Alcmena, minha esposa, quero falar com você. Mas... por que você virou as costas pra mim?

**ALCMENA** - Esse é o meu jeito. Nunca gostei de olhar para os meus inimigos.

**JÚPITER** - Hein? Seus inimigos?

**ALCMENA** - Meus inimigos, sim, senhor! Ou será que vai insinuar que também isso, que eu disse, é mentira!

**JÚPITER** - [tentando acariciá-la] Puxa, benzinho, você tá muito brava!

**ALCMENA** - [bravíssima] Tira a mão! Se você estivesse bom da cabeça, não viria, nem por brincadeira, conversar comigo, já que me considera uma desavergonhada. A não ser que você seja o mais banana dos bananas.

**JÚPITER** - Não, amor, não leve em conta o que eu disse, não. Eu voltei aqui justamente pra te pedir desculpa. Nada me faz sofrer mais neste mundo do que saber que você está brava comigo. Eu vou te explicar por que eu disse aquilo. Não me vá pensar que eu

te considero uma desavergonhada. É que eu estava testando os seus sentimentos, queria ver qual seria a sua reação. Mas foi tudo brincadeira, pode perguntar pro Sósia.

**ALCMENA** - E cadê o meu primo Náucrates, que você ia trazer como testemunha?

**JÚPITER** - Foi outra brincadeira que eu fiz, você não deve levar a sério.

**ALCMENA** - Mas só eu sei o quanto aquilo machucou meu coração.

**JÚPITER** - [tomando a mão direita de Alcmena] Por essa sua mão, Alcmena, eu te peço e suplico, me desculpe, me perdoe, não fique zangada comigo, por favor.

**ALCMENA** - Eu, com minha virtude, reduzo a nada tudo o que você disse. Mas como eu jamais me envolvi em atos desonrosos, não posso admitir que me desonrem com palavras. Adeus, passe bem! Fique com suas coisas, me dê as minhas. E, por favor, dê ordens para que alguém me acompanhe.

**JÚPITER** - Você perdeu o juízo?

**ALCMENA** - Se não quer ordenar, irei sozinha. Levarei a Honradez por companheira.

**JÚPITER** - Não, espera. Eu juro, por tudo o que você quiser, que considero a minha esposa a mais virtuosa do mundo. E se estou mentindo, quero que o supremo Júpiter desgrace a vida de Anfitrião!

**ALCMENA** - Não, isso eu também não quero.

**JÚPITER** - E estou certo de não ocorrerá, pois meu juramento é sincero. Vamos, diga, benzinho, você já não tá mais com raiva de mim?

**ALCMENA** - Tá bom. Já não tô.

**JÚPITER** - Ainda bem, meu amor. A vida de um casal é assim mesmo. A gente briga, diz tanta coisa que não quer dizer... Mas quando, depois da briga, vem a reconciliação, a gente volta se gostando duas vezes mais do que antes.

**ALCMENA** - Você devia tomar mais cuidado, antes de dizer o que disse. Mas como me pediu desculpas e parece sinceramente arrependido, vou relevar desta vez.

**JÚPITER** - Então entre e mande preparar os vasos sagrados. Preciso cumprir os votos que fiz na guerra, se eu voltasse são e salvo pra casa.

**ALCMENA** - Eu cuidarei disso.

**JUPITER** - Ah, e diga ao Sósia que venha aqui. [Alcmena entra] Vou mandar o Sósia ir até o nosso navio, convidar o piloto Blefarão para vir almoçar conosco. Assim, o outro Sósia, que é o Mercúrio, poderá ocupar seu lugar aqui e impedir que o verdadeiro Anfitrião entre em casa, enquanto eu estiver lá dentro.

**SÓSIA** - [saíndo da casa] Pronto, senhor, aqui estou! Pode mandar o que quiser, que eu faço.

**JÚPITER** - Preciso de você pra um servicinho.

**SÓSIA** - Pelo que deu pra perceber, o senhor e a dona Alcmena já estão de bem de novo. Fico muito contente com isso. Aliás, é assim que deve proceder o bom escravo: regular sempre sua cara com a cara de seus donos. Ficar triste, se seus donos estão tristes, ficar risonho se eles estão alegres. Mas me diga: tá tudo bem mesmo?

**JÚPITER** - Tá tudo bem, tudo certo. Mas agora, Sósia, eu quero que você vá até o navio convidar o nosso piloto Blefarão para almoçar conosco.

**SÓSIA** - Pode deixar, senhor, já-já estarei aqui de volta. [para o público] Pra ser franco com vocês, não estarei não! A parte do texto que continha a minha volta em cena com Blefarão, infelizmente, se perdeu e não chegou até nós. Por isso, pra quem fica, tchau e lupiter vobiscum! [sai]

**JÚPITER** - Agora, você, divino Sósia, trate de vir aqui imediatamente. Mesmo não estando aqui perto de mim, eu sei que você está me ouvindo. Anfitrião está para chegar aqui. Sua missão é impedir que ele entre em casa. Faça o que quiser, invente o que quiser. Você sabe que esta é a minha vontade, portanto, se vire. Enquanto isso, eu vou lá dentro oferecer sacrifícios a... mim mesmo. [entra em casa]

**MERCÚRIO** - [entra correndo] Afastem-se, fora do meu caminho, saiam de minha frente! Que não haja ninguém tão atrevido que se meta a estorvar minha passagem! Fiquem sabendo que eu não sou um escravo qualquer de comédia, desses que entram correndo só pra anunciar que o navio chegou a salvo ou pra avisar da chegada de um velho enraivecido! Eu sou um deus e estou aqui pro ordem de Júpiter! Portanto, saiam da frente, fora do meu caminho! Meu pai me chamou e eu vim imediatamente pra cumprir suas ordens. Ele quer agora que eu ludibrie o Anfitrião; que Anfitrião seja ludibriado. E com vocês assistindo tudo, espectadores. Vou pôr uma coroa na cabeça e fingir que estou bêbado. Aí subo no telhado e de lá de cima eu enxoto o cara quando ele se aproximar. Quem vai pagar por isso é o outro Sósia, coitado. Pena que essa parte da comédia em que o pobre Sósia é castigado por Anfitrião, vocês não vão poder ver, porque se perdeu. Mas o Anfitrião vem vindo aí. Vou entrar em casa e subir no telhado. [entra e sobe]

**ANFITRIÃO** - Não consegui achar o Náucrates em nenhum lugar. Não estava nem no navio nem em sua casa. E na cidade não encontrei ninguém que o tivesse visto. Bati todas as ruas, ginásios, perfumarias; procurei nas lojas, no mercado, na palestra, na praça, nos médicos, nos barbeiros, em todos os templos. Cansei de procurar e nem sombra do Náucrates: o homem simplesmente sumiu. Agora eu vou em casa e vou continuar aquele assunto com minha mulher: preciso descobrir quem foi o sujeito que a

desonrou. Antes morrer do que deixar essa questão sem explicação. Mas a porta está fechada. Ótimo! Tá tudo de acordo com tudo. [batendo forte e gritando] Abram! Ei! Alguém aí dentro! Vem abrir a porta!

**MERCÚRIO** - [do alto] Quem tá aí?

**ANFITRIÃO** - Sou eu.

**MERCÚRIO** - Que "eu"?

**ANFITRIÃO** - Eu, o que está falando!

**MERCÚRIO** - Com certeza, Júpiter e todos os deuses estão furiosos atrás de você, pra você arrebentar a porta desse jeito!

**ANFITRIÃO** - O que significa isso?

**MERCÚRIO** - Significa que você há de passar a sua vida inteira como um desgraçado!

**ANFITRIÃO** - Sósia!

**MERCÚRIO** - Sim, sou eu, o Sósia. Ou você pensa que eu esqueci quem eu sou? O que é que você quer?

**ANFITRIÃO** - Ah, seu filho de uma lupa velha, ainda pergunta o que eu quero?

**MERCÚRIO** - Claro que pergunto. Você quase quebrou a porta, seu palhaço! Tá pensando que é o Estado que fornece porta pra nós? O que é que você tá me olhando, ô mocosongo? O que você quer ou quem é você?

**ANFITRIÃO** - Ô desgraçado, ainda me pergunta quem eu sou, seu saco de pancada? Hoje as suas costas vão pegar fogo de tanto levar porrete, você vai ver!

**MERCÚRIO** - Você é que tá pedindo uma boa surra.

**ANFITRIÃO** - Você vai pagar na cruz por essas insolências que despeja!

**MERCÚRIO** - Sou eu que vou te oferecer um sacrifício...

**ANFITRIÃO** - O quê?!

**MERCÚRIO** - É isso mesmo! Eu vou te consagrar uma surra...

[Mercúrio desce do telhado e entra em cena com uma tabuleta, para bater em Anfitrião. Ao erguê-la, lê-se nela: LACUNA. Blecaute. Mercúrio sai. A luz volta. Anfitrião ainda está em cena]

**ANFITRIÃO** - Ai, haverá em Tebas alguém mais desgraçado que eu? O que é que eu vou fazer agora? [breve pausa] Ah, já sei: entrarei na marra em minha casa e quem eu encontrar pela frente, criada ou escravo, minha mulher ou o seu amante, o pai ou o avô, não importa quem seja, eu degolo ali mesmo. Nem Júpiter vai me impedir de fazer isso.

[Ribomba um trovão fortíssimo. Anfitrião cai desmaiado. Blecaute.]

**BRÔMIA** - [Sai de casa, quando a luz volta. Não vê Anfitrião, que permanece caído]  
- Ah, Júpiter do céu! Estou completamente desbaratinada! O mar, a terra, o céu, parece que tudo vem pra cima de mim, pra me esmagar, pra me aniquilar! Não sei o que fazer. Nunca se viu

uma coisa igual à que aconteceu aqui em casa. Ai, desgraçada de mim, tô zonha, acho que vou desmaiar. Ai,ai, minha cabeça... não consigo ouvir nem ver direito. [vendo Anfitrião] Mas o que é isso? Quem é esse velho caído ali no chão? Será que o raio de Júpiter acertou nele? Acho que foi. Ele parece que tá morto! Deixa eu ver quem é. Por Júpiter! Mas é o meu amo Anfitrião! [chamando] Seu Anfitrião, seu Anfitrião!

**ANFITRIÃO** - Ã! Tô ferrado!

**BRÔMIA** - Levanta, homem!

**ANFITRIÃO** - Tô morto!

**BRÔMIA** - [pegando-o pelo braço] Vai, força!

**ANFITRIÃO** - Ah, quem é que tá me agarrando?

**BRÔMIA** - Sou eu, Brômia, a sua criada.

**ANFITRIÃO** - Tô tremendo dos pés à cabeça. Júpiter me fulminou! Acho que eu tô voltando do Aqueronte... Brômia! O que é que você tá fazendo aqui fora?

**BRÔMIA** - O mesmo susto que o senhor levou também nos aterrorizou! Em sua casa eu vi coisas extraordinárias! Ai de mim, seu Anfitrião! Tô que não consigo nem parar em pé.

**ANFITRIÃO** - Eu tô acabado. Minha mulher me destruiu com sua conduta infame.

**BRÔMIA** - Não diga isso, seu Anfitrião. Sua mulher é fiel e virtuosa. E vou te provar. Primeiro de tudo, fique sabendo que Alcmene deu à luz dois filhos gêmeos

**ANFITRIÃO** - Gêmeos?

**BRÔMIA** - Sim, gêmeos. Mas deixe-me dizer mais, para que saibas como os deuses são propícios ao senhor e à sua mulher.

**ANFITRIÃO** - Fale.

**BRÔMIA** - Assim que sua esposa começou a sentir as primeiras dores no ventre, lavou as mãos, cobriu a cabeça e pôs-se a invocar a ajuda dos deuses imortais, como costumam fazer as mulheres nessas ocasiões. Mas eis que de repente dá aquele baita trovão. Achamos que a sua casa fosse desmoronar. Mas sua casa ficou toda brilhante, como se fosse de ouro.

**ANFITRIÃO** - Por favor, vamos logo com isso. E depois, o que aconteceu?

**BRÔMIA** - Enquanto isso se passa, ninguém de nós ouviu a sua esposa gemer ou gritar. Ela teve, com certeza, um parto sem dor.

**ANFITRIÃO** - Bem, fico contente com isso, apesar do que ela me fez.

**BRÔMIA** - Esqueça isso e ouça o resto da história. Depois do parto, ela ordenou que lavássemos os meninos e assim fizemos. Mas o menino que eu lavei... como era grande e forte! Ninguém conseguiu pôr-lhe as fraldas.

**ANFITRIÃO** - É extraordinário o que você me conta. Se isso tudo é verdade, não duvido

de que minha esposa tenha recebido ajuda divina.

**BRÔMIA** - Mas o mais espantoso ainda está por vir. Depois que pusemos os bebês no berço, eis que do alto do teto descem voando para o implúvio duas enormes cobras!

**ANFITRIÃO** - Ai de mim!

**BRÔMIA** - Não precisa ter medo. Assim que elas avistam os meninos, voam velozes na direção deles. Eu, temendo pelas crianças, puxava o berço pra trás, mas as cobras continuavam vindo com mais raiva ainda. Ai, aquele menino mais forte viu as cobras, saltou ligeiro do berço e agarrou uma em cada mão.

**ANFITRIÃO** - O que você está me contando é mesmo um prodígio! É terrivelmente espantoso. Chega a me dar calafrios. E o que aconteceu depois?

**BRÔMIA** - O menino estrangulou as duas cobras. E naquele momento uma voz potente chama por sua mulher...

**ANFITRIÃO** - Mas quem era?

**BRÔMIA** - O supremo soberano dos deuses e dos homens, Júpiter. Ele disse que tinha tido relações clandestinas com Alcmena e que o menino que tinha matado as cobras era filho dele e que o outro era seu.

**ANFITRIÃO** - Bem, nesse caso, até que não é de todo ruim dividir um bem que você tem com Júpiter. Agora, Brômia, você entra e prepare os vasos sagrados pra que eu possa, através do sacrifício de muitas vítimas, obter a paz do Supremo Júpiter. [Brômia entra] E eu vou mandar chamar o adivinho Tirésias e consultá-lo sobre o que devo fazer. [ouve-se um forte trovão] Ai, o que foi isso? Ó deuses, me ajudem!

**VOZ DE JÚPITER** [gravada] Tranqüiliza-te, Anfitrião. Estou aqui para te ajudar a ti e aos teus. Não há o que temer. Deixa os adivinhos e os arúspices pra lá. Eu posso falar o que aconteceu e o que vai acontecer muito melhor do que eles, PORQUE EU SOU JÚPITER. Em primeiro lugar, fui eu que usufruí do corpo de Alcmena e dessa união ela ficou grávida de um filho meu. Tu também a engravidaste, antes de partir pra guerra. E ela deu à luz os dois num único parto. Um deles, o que foi concebido com a minha semente, se chamará Hércules e te cobrirá de uma glória imortal com suas façanhas. Volta à antiga harmonia com tua esposa Alcmena. Ela não merece ser recriminada pelo que fez, pois foi obrigada pelo meu poder. Eu parto para o céu.

**ANFITRIÃO** - Farei como ordenas e peço-te que cumpras tuas promessas. Vou para junto de minha mulher e o velho Tirésias que vá passear. Agora, espectadores, em honra do Supremo Júpiter, tratem de bater muitas palmas.